

## A CADEIRA NA VARANDA

Ethel L. Lewis

Mamãe e suas flores. Penso que ela seria capaz de pegar um galho seco e fazê-lo brotar. Não era fácil fazer qualquer coisa brotar nas areias do sudoeste do Texas, a não ser grama e mato. Porém, de uma ou outra forma, mamãe conseguia manter vivas algumas flores. Hoje, quando faço uma retrospectiva, penso que descobri seu segredo.

Morávamos em urna fazenda, e, se você não conhece nada a respeito da vida no campo, é lá que a gente se levanta cedo, tira leite da vaca e faz trabalhos de todos os tipos. No campo, há sempre alguma coisa para fazer. Houve uma época em que eu acordava antes de todos da casa, isto é, antes de todos, menos de mamãe. Eu gostaria de saber se ela dormia. Eu me levantava e atravessava a cozinha na ponta dos pés em direção à porta dos fundos, imaginando ser a primeira a sair da cama. Mas, assim que eu abria a porta de tela e punha um pé para fora, lá estava mamãe, sentada em uma cadeira de madeira que ela havia comprado, cantarolando hinos e lendo a Bíblia. Ela olhava para mim e sorria.

Alguns anos atrás, recebi um telefonema urgente para que eu voltasse para casa. Mamãe havia sofrido um sério ataque cardíaco e estava entre a vida e a morte. Papai havia falecido alguns anos antes. Liguei para o hospital, e a enfermeira colocou o fone junto ao ouvido dela.

— Mamãe, estou a caminho para vê-la. Você estará aí quando eu chegar? — perguntei.

— Estarei aqui esperando por você — ela respondeu.

A enfermeira disse que ela estava com um lindo sorriso no rosto. Quando cheguei ao hospital, ela já estava bem melhor e pronta para voltar para casa. Mas, como suas condições exigiam atenção especial, voltei ao Texas e fui buscá-la para morar comigo.

Nos três anos seguintes, os laços que nos uniam se intensificaram e passaram a ser cada dia mais preciosos para mim. Mamãe sentava-se no jardim nas primeiras horas da manhã e lia sua Bíblia. Sabendo que ela gostava muito de flores, eu costumava surpreendê-la com uma planta que encontrava por acaso e que ela apreciava.

Quando seu estado de saúde piorou, ela não podia sair da cama para cuidar das plantas, e eu não tinha sido agraciada com seu dom. Eu tentava cuidar delas, fazendo o que minha mãe me dizia. Mas penso que as plantas sabiam que meu toque não era igual ao de minha mãe. Elas perderam o viço e murcharam. Eu lutava, e elas também lutavam. Mamãe dizia sempre:

— Espero que o Senhor permita que eu cuide do jardim dele quando for para o céu.

Eu sabia que ela sentia falta de cuidar das flores.

Em um dia frio de fevereiro, o Senhor chamou mamãe para morar com Ele. Levamos seu corpo ao mesmo local no sudoeste do Texas onde fui criada. Ela foi enterrada ao lado de papai. Depois de uma semana, voltei de

carro para minha casa em Dallas. Eu estava anestesiada pelo sofrimento, mas sabia onde ela estava e quase podia ouvi-la dizer: "Estarei aqui esperando por você."

Quando cheguei, encontrei a casa gelada, e eu estava ansiosa por acender a lareira. Foi, então, que me lembrei. No dia em que mamãe faleceu, eu havia colocado as flores no quintal para receberem um pouco da luz solar, na intenção de levá-las para dentro à noite, da maneira como sempre fazia. Mas, na confusão dos preparativos para o funeral e do sofrimento, eu me esqueci delas. Meu coração ficou pesaroso. Elas devem ter congelado e morrido de frio, pensei.

Abri as cortinas, triste demais por ter de lidar com as flores de mamãe. Mas, para minha surpresa, todas as plantas estavam carregadas de flores e de botões. Os galhos quase se arrastavam no chão por causa do peso de tantas flores lindas.

Ri e chorei ao mesmo tempo. Eu sabia que era a maneira de Deus me dizer que mamãe estava atarefada fazendo o que ela mais queria... trabalhando no jardim dele. E eu sei que todos os dias, nas primeiras horas da manhã, ela está sentada em uma cadeira na varanda do céu, rodeada de flores perfumadas e com um lindo sorriso no rosto.